

# SEARA NOVA



*cadernos*

*José Saramago*

*OS*  
**apontamentos**

**Um Jornal na Revolução**



é nem nunca será moeda de troca. Sabe-se que o VI Governo não serviu. Sabe-se que o Conselho da Revolução dá constantes provas de incapacidade ideológica e de inabilidade política. Sabe-se, por outro lado, como a possibilidade de arbitragem do Presidente da República é limitada. Mas também se sabe que grau imperativo atingiram as exigências revolucionárias das forças populares, neste momento muito à frente daqueles militares que vieram trazer-lhe a palavra Revolução e que, na sua maior parte, por aí se ficaram.

Assim sendo, como resolver a questão? Serem os militares na acção o que constantemente dizem ser nos gabinetes e nas declarações públicas: socialistas, revolucionários socialistas. Tendo antes, claro está, e de uma vez para sempre, entendido o que o socialismo é. Porque socialistas não são nem para lá caminham os Pires Veloso, os Jaime Neves, os Altino de Magalhães que do socialismo se vangloriam contra a própria evidência dos seus actos. Aí tem o Conselho da Revolução uma boa bitola para se guiar: enquanto em nome da fraternidade militar e do companheirismo de quartel e de classe se prolongarem alianças verdadeiramente contranaturais, a Revolução não avança. E não avançando, morre. Meditem nisto os dignos conselheiros, durante o tempo que estiverem reunidos hoje. Feito isto, tomem decisões dignas da Revolução Socialista que dizem dirigir. A paciência do povo não vai durar sempre.

*24 de Novembro de 1975*

## E O SOCIALISMO?

O mais cómodo, seria nada escrever. O mais prudente, seria deixar passar a onda que varre

o País, este deflagrar das contradições que mimam as Forças Armadas, incapazes de, unitariamente, aceitarem o socialismo ou porem-se de acordo sobre um projecto político socialista. Mas este jornal, que sem ambiguidades nem hesitações se pôs ao lado das classes trabalhadoras, não foge à sua responsabilidade. Por isso mesmo vem, por sua vez, responsabilizar perante o Povo todos aqueles, militares e civis, que nos últimos tempos agitaram a ameaça da guerra civil, contra os interesses dos trabalhadores, que sempre rejeitaram esse caminho. Igualmente responsabiliza quantos se mostraram incapazes de compreender a natureza profunda dos anseios revolucionários de uma grande parte da população, preferindo chamar-lhe subversão, anarquia e caos. Responsabiliza ainda todos aqueles que se recusaram a entender a sinceridade com que se exprimiu, mesmo desordenadamente, essa vontade de uma disciplina militar revolucionária que seria a grande afirmação dos soldados e marinheiros portugueses.

Os políticos que consideraram ser Portugal divisível, têm, afinal, da manipulação, muito mais ciência do que aquela que atribuíam à Informação revolucionária. Portugal foi palco de uma manobra política que talvez não precisasse do detonador que veio a ser o gesto desesperado dos pára-quedistas. Realizado esse gesto, ficou disponível a boa consciência que ainda parecia faltar para fazer recuar o processo revolucionário.

Houve vítimas. Haverá prisões e, provavelmente, condenações. Fica por saber, depois do que aconteceu, o destino disto que se dizia ser o socialismo português. É essa resposta que se exige: em nome de todas as promessas e garantias com que o povo foi contemplado durante ano e meio... Quem pode responder?